

nemesis
rory clements

Tradução de Susana A. Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para Emma,
com amor*

JUNHO DE 1931

CAPÍTULO 1

Aquele era o melhor dia da sua vida, ver o seu amado filho, ali naquela antiga câmara de luz. O seu olhar vagueou para cima, para as altas abóbadas em leque e para os brasões que tornaram a grande capela célebre em todo o mundo. Por todo o lado, sentia a história envolvente das paredes de calcário suave, sustentadas em altura, e perpendicularmente, por maciços contrafortes. E dentro daquelas estruturas, ele estava deslumbrado pelos vitrais que filtravam e dividiam os raios celestiais, e que contavam a história da sua fé.

Velas tremeluziam em castiçais de vidro ao longo do cadeiral. Os membros do coro estavam alinhados de ambos os lados do altar, trajados com sobrepelizes brancas e batinas vermelhas. Dali a pouco, as suas vozes erguer-se-iam e soariam no espaço vasto e repercussivo, competindo com os entalhes rendilhados.

O coronel Ronald Marfield sabia agora que, mesmo nos dias mais negros da guerra, Deus nunca o abandonara. Aquela era a Sua promessa cumprida.

Ao lado dele, estavam o seu filho mais velho, Ptolemy, sentado de forma estranha no banco, e a sua mulher, Margaret, muito direita e digna.

Mas era o rapaz de treze anos, à frente do coro, que lhe prendia o olhar e o coração. O vocalista principal, o seu lindo filho mais novo, Marcus. Marcus, com a voz perfeita, a pele dourada pálida, os olhos azuis e a auréola

de cabelo louro. O filho ideal para todos os pais; verdadeiramente, um presente celestial.

A capela da King's College estava lotada, mas a congregação não emitia um som. Então, o órgão quebrou o silêncio e ouviram-se as primeiras notas prodigiosas do *Magnificat* em Sol de Charles Stanford, *sempre staccato*.

Marcus abriu os lábios e a sua voz emergiu. «*My soul doth magnify the Lord...*»

Todos os rapazes e todos os homens naquele belo coro cantaram magnificamente. Mas apenas um se destacou. As notas agudas de Marcus não eram apenas perfeitas, pareciam elevar-se em asas angelicais. Aqueles que estavam a assistir e a ouvir mal respiravam. O coronel Marfield tinha os olhos marejados de lágrimas. Como poderia não chorar diante de tal perfeição? Ao escutar o som divino do seu próprio filho?

Tentou pegar na mão da mulher, mas ela tinha-as apertadas em cima do colo. Com os olhos turvos de lágrimas, olhou na sua direção, suplicante. Ela estava a olhar para a frente, recusando-se a encontrar o olhar dele. Os seus olhos estavam secos.

AGOSTO DE 1939

CAPÍTULO 2

Para um homem de cinquenta anos, o americano estava numa forma razoável: bons dentes, o hálito adocicado do uísque, o cabelo ainda farto, embora já se notassem umas entradas. E os seus óculos redondos com padrão de carapaça de tartaruga davam-lhe um ar intelectual. Elina já fizera amor com homens com metade da idade dele que tinham menos a seu favor.

— Trata de mim, Elina — disse ele. — Trata de mim e eu tratarei de ti.

— Será um prazer, senhor. — Ela estava a desapertar-lhe os botões da camisa, lentamente, do colarinho para baixo.

Quando chegou ao último botão, ela abriu-lhe a camisa e despiu-lha para que ele ficasse diante dela, nu da cintura para cima. Um desportista, sem dúvida; andava muito de bicicleta, tinha a cintura estreita e os braços musculados. Alguns caracóis de pelo espreitavam pelo cóis das calças. Mais abaixo, ele começava a ficar espevitado. Mas ela não ia tocá-lo ali. Ainda não.

— Agora tu — disse ele. — Vamos lá ver o que tens aí.

Elina Kossoff, conhecida ali como Elina Ulyanova, não media mais de um metro e sessenta e cinco, com cabelos louros ondulados. Pôs-se em bicos de pés e pousou os seus lábios cheios nos dele, em seguida afastou-se sorrindo. De forma provocante e tentadora, despiu a camisa lentamente, e por fim virou-se para que ele pudesse desapertar o sutiã cor de marfim.

Quando este caiu no chão, voltou-se para ele, ainda a sorrir. Deixou-o de-
leitar os olhos nos seus seios, fartos, com pequenos mamilos rosados.

— Então, senhor?

— Raios partam. — Ele alcançou-os e sopesou-os nas palmas das
mãos. — Raios partam, e que Deus perdoe a minha blasfémia.

Fizeram amor na cama de solteiro, num pequeno quarto aninhado por
baixo do beiral – um quarto de serviçal, atribuído a Elina quando ela chega-
ra àquela grande mansão palladiana há dois dias para ocupar o cargo fictí-
cio de «assistente geral» no escritório da propriedade. Era de conhecimento
geral que sempre que este convidado em particular era recebido nas festas
de fim de semana da casa, levava uma das empregadas para a sua cama. E
se ficasse agradado, seria generoso, poderia mesmo providenciar para que
estivessem com ele novamente. Elina iria certificar-se de que ele o faria.

Quando o sexo acabou, ficou surpreendida por ter sido bom. O velho
sabia o que fazia.

— Então, Elina, de onde é que és? — Ele recostou-se nas almofadas, os
dedos da mão direita brincando indolentemente por entre as pernas dela.

— De Moscovo, os meus pais trouxeram-me para cá quando eu era
criança. Eles fugiram dos bolcheviques.

— Como muitos outros. Aqueles comunas estragaram um bom país...

— Virou-se para ela. — Elina... quero que faças parte do meu quadro de
funcionários. A tempo inteiro, a partir de hoje. Eu pago o tempo que deve-
rias dar de aviso prévio. Presumo que saibas estenografar?

Ela riu-se com vontade.

— Não, não sei. Sei datilografar um pouco com dois dedos, mas mais
nada.

— Dois dedos são mais do que suficiente para quase tudo na vida.
Além do mais, o que é que isso interessa? Vais comigo para onde quer que
eu vá. Eu compro-te um carro. Que carro queres?

Ela beijou a face de Joe Kennedy e pressionou o seu sexo contra a mão
dele, exigindo mais. Até àquele momento, tudo corria bem.

CAPÍTULO 3

Foi Lydia quem reparou no homem na rua em frente à *villa*. Ele estava sujo e cansado, mas isso não tinha grande significado naqueles dias, quando metade da França parecia estar em movimento. Os refugiados viajavam em todas as direções, procurando um porto seguro sem terem a certeza de onde isso poderia ser; os soldados percorriam as estradas para leste em direção às fronteiras de Itália e da Alemanha.

Os *paniquards* e os relutantes recrutas. Nenhum deles queria a guerra, não quando havia uma colheita para ser feita.

— Provavelmente, é um pedinte — disse Wilde. — Calculo que tenha visto o nosso carro lá fora e pense que temos dinheiro.

— Ele tem estado ali o dia todo. Vi-o várias vezes da janela do quarto. Ainda lá estava quando fui ao quarto há pouco. Não podes ir ver o que é que ele quer?

Wilde, que estava a apreciar o vinho e o calor do final da tarde, pousou o copo com relutância. Virou os bolsos do avesso.

— Achas que tens alguns trocos para lhe dar?

— Tenho alguns francos na minha carteira, na cozinha, em cima da mesa.

Eles estavam no alpendre do pátio, a aproveitar os últimos raios de sol. O ar estava quente e seco, mas começava a perder a sua intensidade depois do calor intenso do dia, e ainda havia tempo para se sentarem no

exterior com uma garrafa ou duas de vinho gelado. Wilde voltou-se para o seu anfitrião.

— Estás a ver como ela manda em mim, Jacques?

— Isto é apenas o começo, Tom. A partir daqui, é sempre a piorar. — O professor Talbot, alto e vagaroso, remexeu no bolso e tirou um punhado de moedas. — Queres que eu trate do sujeito?

— Não, obrigado, Jacques. Tenho ordens para cumprir.

— Então toma, dá-lhe isto. Deve chegar para comprar pão e vinho.

Wilde acenou com a cabeça, pegou no dinheiro e dirigiu-se para a parte da frente da casa. Esta ficava nos arredores da pequena aldeia de Aignay, a leste de Toulouse no canto sudoeste de França. Era uma velha mansão com janelas pequenas, fresca no verão e quente o suficiente no inverno. Vista de fora não parecia grande coisa, mas o interior era amplo e arejado, conduzindo a um pátio exuberante nas traseiras, com uma fonte no meio e árvores de fruto: limões, azeitonas, laranjas, à espera de serem colhidas. E por detrás delas, uma vinha que se estendia por intermináveis hectares de França.

Em contraste, a estrada em frente era empoeirada e seca. Do outro lado, duas mulheres, com vestidos pretos de camponesas e os rostos enrugados como velhos pergaminhos, caminhavam lenta e silenciosamente. Em Aignay, não havia muita coisa: uma padaria, um bar para os *paysans* e outro para aqueles que tinham um pouco de dinheiro e educação – médicos, advogados, proprietários rurais, donos de vinhas – e era tudo.

Um homem estava sentado no chão na base da figueira. Quando Wilde se aproximou, levantou-se. Não trazia chapéu e o seu cabelo grisalho estava rapado quase até ao couro cabeludo. A barba também era grisalha, contudo o rosto bastante bronzeado e sujo sugeria que não teria mais de trinta anos. Tinha uma altura mediana, e vestia uma camisa de trabalho azul e calças surradas, as suas botas envoltas em trapos que faziam as vezes de solas. Pendurada nos lábios estava a beata de um cigarro enrolado à mão. Era um dos típicos nómadas que percorriam o país naquela altura do ano para ganharem dinheiro na vindima.

Wilde estendeu as moedas. «*Pour vous*», disse ele com o seu sotaque excruciante. Desde a escola que detestava francês e não se dera ao trabalho de melhorar nos anos seguinte; o seu alemão era muito mais aceitável.

— *Monsieur* Wilde? — O homem não tirou o cigarro da boca.

— Como é que sabe quem eu sou? — Apanhado de surpresa, Wilde voltou à sua língua nativa.

— Tenho andado à sua procura. — O homem falava inglês corretamente, mas com um forte sotaque. Não se tratava de nenhum camponês. — Disseram-me que tinham vindo para esta aldeia. Calculei que fosse esta a casa. O carro elegante...

— Quem é o senhor?

— Sou o Honoré.

— Apenas Honoré?

— É o bastante. Não se trata de mim, mas de alguém que conhece. Ele precisa da sua ajuda. Por favor.

— *Quem é que precisa da minha ajuda?*

— *El Cantante*. Ele está doente... pode morrer. *Morrerá* se não o ajudar antes de a guerra começar.

— Não faço ideia de quem é que está a falar. Não acha que se deve explicar?

— *El Cantante*... esse é o seu nome de guerra. Fomos camaradas durante o conflito espanhol, mas agora não o consigo ajudar. Ele tem de voltar para Inglaterra ou vai definhir e morrer. O governo francês – Daladier e Reynaud, Bonnet e Laval e o resto dos porcos fascistas — cuspiu para o chão — não se importam. Para eles, somos todos lixo.

De repente, ocorreu-lhe. Wilde sabia muito pouco espanhol, mas até ele conseguia perceber que *El Cantante* significava «o cantor».

— Por acaso, está a falar de Marcus Marfield?

— *Oui, monsieur*, creio que sim. Ele disse-me o seu nome e falou-me de Cambridge. Foi professor dele – o seu *professeur* –, sim?

De facto, Wilde fora tutor de Marfield em Cambridge. E Marfield fora um notável membro do coro. Mas quando, tal como vários dos seus contemporâneos, desaparecera em março de 1937 – há quase dois anos e meio – para se juntar às Brigadas Internacionais na Guerra Civil Espanhola, Wilde nunca pensou voltar a vê-lo. Ele não seria o primeiro aluno a perder a vida naquele conflito cruel.

— Ainda não compreendi como é que me encontrou.

O francês encolheu os ombros.

— Tenho amigos em Inglaterra.

Aquela resposta não era uma explicação, mas por enquanto Wilde deixou passar.

— Onde é que ele está?

— No campo de detenção em *Le Vernet*, a sul de Toulouse. Tenho de lhe dizer que ele está mal. Muito mal.

Wilde não ouvira falar de *Le Vernet*. Mas ficara profundamente contrito quando Marfield, um dos seus melhores alunos de História, abandonara Cambridge. Marcus Marfield, o belo jovem com uma voz de anjo e o mundo a seus pés. Algumas vezes, servira como cruciferário – transportando a cruz na capela do coro. Dizia-se que nos seus dias como membro do coro da King, o seu Stanford em Sol arrepiava os cabelos da nuca e levava lágrimas aos olhos mais empedernidos. O desenvolvimento da sua voz tornara-o um tenor notável. O seu desaparecimento parecera uma perda trágica. Mas se Marcus estava vivo... bem, isso seria realmente uma notícia maravilhosa.

— Fica a que distância de carro?

— Duas horas, talvez três.

Wilde olhou para o céu. O Sol estava baixo. Ele estivera a beber e as estradas naquela parte de França eram traiçoeiras em condições normais.

— Disse que ele estava numa espécie de campo... presumo que ainda esteja lá amanhã de manhã, certo?

— Sem a sua ajuda, ele não sai de lá, *monsieur* Wilde.

Wilde caminhou na direção da porta, mas o homem não o seguiu.

— Por favor, entre...

— Não, tenho de ir.

— Tenho a certeza que lhe conseguimos arranjar alguma comida e um copo de vinho. Pode contar-nos tudo o que sabe.

— Já lhe disse tudo o que sei. Encontrará *Le Vernet* no mapa, a caminho de Pamiers. Siga o fedor.

— Porque é que não vai comigo? Pode levar-me lá.

O francês encolheu os ombros largos.

— Para ser detido outra vez? Não, muito obrigado, *monsieur*. Dê a *El Cantante* as minhas saudações fraternas, se faz favor. Ele está na caserna 32.

Enquanto Wilde observava, ele voltou-se e afastou-se, sem olhar para trás.

CAPÍTULO 4

Talleyrand Bois estava encharcado em suor, mas a sua mão direita, que empunhava o revólver por baixo do casaco, mantinha-se firme. Passou a manga do braço esquerdo pela testa, depois tirou novamente o pedaço de jornal do bolso e estudou-o. O recorte era de um jornal do ano anterior com uma fotografia de Sigmund Freud na plataforma da estação Saint-Lazare, em Paris, quando fugira de Viena para Inglaterra através de França. Ao lado dele estava uma mulher aristocrática que não significava nada para Bois e, mais importante, um homem com um chapéu claro, com uma flor na lapela e um cigarro na mão. Era esse homem que Bois observava; um homem que usava um fato tão caro que daria para alimentar uma família durante um ano.

Bois aproximou a fotografia, tentando gravar a imagem do homem do chapéu claro na sua mente. Em seguida, olhou para lá do relvado verde-escuro por baixo das árvores, para o outro lado do grande castelo onde o sol matutino lançava longas sombras ao longo dos vastos relvados. Este era território desconhecido. Chantilly, com os seus hipódromos e palácios, construídos com o sangue dos homens da classe operária para os parasitas da classe dominante, era tudo o que ele desprezava no seu país. *Merde*, como ele odiava a burguesia.

O homem que procurava estava ali, a caminhar sozinho. Bois pôs a mão por cima dos olhos e fitou-o, em seguida observou novamente a

fotografia. O rosto era aquele, mas parecia mais magro na fotografia. No retrato a preto-e-branco e de chapéu, era impossível perceber a cor do cabelo do homem; este indivíduo, de cabeça descoberta, tinha cabelo louro curto com um risco pronunciado para a direita. Mas o rosto *era* o mesmo, tinha a certeza. William Bullitt, o embaixador americano em França. Bois, endurecido por uma vida inteira de trabalho físico, começou a caminhar na direção dele.

Bill Bullitt inspirava o ar matinal. Adorava a zona rural de Chantilly, a norte de Paris. Mais tarde, teria de dar um salto à cidade, à embaixada que ficava na esquina da Praça da Concórdia, que estaria tão agitada como sempre, mais ainda por causa da crise. Todos os dias, precisava de algumas horas ali, a cavalgar, a nadar um pouco na piscina – ou apenas a caminhar sozinho, metido consigo próprio, como acontecia naquela bela manhã soalheira de agosto.

Bullitt salvara aquele lugar da ruína, e valera a pena cada malfadado cêntimo. Paris nem sempre era fácil, mas era uma glória do mundo comparada com Moscovo, o seu último posto, e o bando de criminosos assassinos que governavam o local. Agora, os porcos comunistas tinham revelado a sua verdadeira natureza: forjando uma aliança de vergonha com aquela outra maralha letífica, os nazis. Parou ao pé das árvores, inspirou profundamente o ar magnífico, depois acendeu um cigarro *Virginia*. Sim, ali era melhor do que Moscovo ou Berlim, com ou sem guerra.

Bois estava apenas a noventa metros de distância. Quase que poderia matar o homem dali. Mas as instruções tinham sido claras. Teria de estar a um metro do seu alvo: uma bala no peito e depois, à medida que ele caía, as outras cinco na cabeça.

«*Oui*, é claro.» Bois sabia disparar uma arma. Espanha ensinara-lhe isso, embora, até agora, tivesse usado uma espingarda e não uma pistola. Mas qual era a diferença? Ambas tinham gatilhos, ambas disparavam pedaços de metal contra os homens.

O homem, tão perto que quase lhe podia tocar, acenou-lhe com a cabeça e sorriu. «*Bonjour, monsieur*.»

Talleyrand Bois sacou da arma e atingiu o seu alvo no coração. O homem não caiu, mas olhou com espanto para Bois e depois apertou o peito. Bois disparou novamente e os joelhos do homem começaram a ceder.

Voaram mais quatro balas; cada uma delas penetrou na cabeça do homem. Enquanto o sangue jorrava do indivíduo moribundo, Bois atirou a arma para o chão.

Afasta-te lenta e calmamente, não olhes para trás, não entres em pânico. Foi o que lhe disseram.

Mas ninguém lhe dissera o que fazer se aparecesse um *gendarme*.

Bois entrou em pânico. Devia ter guardado balas: quatro para matar o homem e duas para se defender. Começou a correr para sul na direção da estrada. O primeiro tiro atingiu-lhe o ombro e Bois rodopiou, e em seguida caiu de joelhos. O segundo atingiu-o na parte inferior das costas e ele caiu estatelado, o queixo cravado no solo. *Sobrevivi a Espanha*, pensou ele, *mas é aqui que morro. Pelo menos, cumpri o meu dever. Pelo menos, librei o mundo de um cão burguês americano.*

A algumas centenas de metros, na sombra do seu adorado *Château* de St. Firmin, Bill Bullitt ouviu seis tiros. Soaram algures a oeste, da área do palaciano e muito maior *Château* de Chantilly. Estava a compor mentalmente um telegrama para FDR. O presidente precisava de saber que os Franceses ainda se continuavam a iludir; ainda estavam convencidos de que a América iria em seu auxílio contra Hitler. Mas os tiros afastaram da sua cabeça todos os pensamentos sobre o telegrama. Ao princípio, pensou que fosse alguém a caçar perdizes, mas depois encolheu os ombros. Não, aquilo não fora o disparo de uma espingarda.

Ponderou ir investigar, mas pensou melhor. Era problema dos franceses, não dele. E havia coisas mais importantes em que pensar: o telegrama, e no que iria dizer ao primeiro-ministro francês quando se reunisse com ele mais tarde. Tinha de encontrar uma forma de dissuadir Daladier e o resto do governo francês de que havia alguma esperança de salvação vinda do outro lado do oceano. Deu um último trago no seu belo cigarro americano, depois atirou a beata para a relva.

Enquanto caminhava de volta para a sua grande casa, ouviu mais dois tiros.

Wilde estava a pé desde o amanhecer, seguido de perto por Lydia e pelos seus anfitriões, o professor Talbot, a sua mulher, Françoise, e os seus jovens filhos, uma rapariga e um rapaz.

— Então... — disse Wilde enquanto bebia o seu café. — Quem é que está disposto a ir dar uma volta até esse campo de detenção?

— Bem, eu posso ir... — respondeu Lydia sem entusiasmo.

— Jacques? Françoise?

— Com certeza — disse o professor Talbot. — Precisas que te indique o caminho, caso contrário perder-te-ás irremediavelmente.

Wilde e Lydia estavam em França há três semanas e meia, por vezes ficando alojados em casa de amigos, outras, em hotéis. Era o último dia de agosto e dentro de alguns dias iniciariam a viagem de regresso a casa.

Na sua lua de mel tinham percorrido lentamente o Leste do país, parando apenas uma noite em Paris, depois tinham seguido para a Borgonha, onde haviam visitado as vinhas e desfrutado da comida local. Em seguida a Alta Saboia – Genebra, Chamonix, Monte Branco, lago de Annecy. Muitas caminhadas pelas montanhas; era a região de que Wilde mais gostava.

Tinham-se habituado rapidamente às constantes manobras do exército, à marcha de homens fardados, ao rodar de veículos blindados, sempre em direção a leste, ao longo de estradas apertadas ou largas, por vezes bloqueando-lhes o caminho. Ao início, havia poucos refugiados nas estradas, mas cada dia trazia uma história diferente. Num dia a guerra estava iminente, no dia seguinte a paz estava assegurada. As pessoas que viviam na fronteira com Itália não sabiam se deviam permanecer em casa ou dirigirem-se para oeste. Apesar de tudo, Wilde e Lydia tinham continuado a sua viagem para sul.

A Riviera era magnífica, e eles haviam lá passado dez dias numa espetacular *villa* em Cap Ferrat com quatro hectares de linha costeira e companhia de primeira classe. Era a casa de um celebrado autor inglês, um velho amigo da família de Lydia, que fazia parte de um grupo heterogéneo de conhecidos deste: uma variedade de belos homens jovens, incluindo um italiano que presumiram tratar-se do amante do autor. O autor dizia que os nazis podiam chegar, mas que ele não sairia dali. De qualquer modo, apreciava bastante as suas fardas, acrescentara ele com um piscar de olho malicioso.

Uma escritora americana que tinha uma coluna acerba num pasquim de Nova Iorque fizera o possível para monopolizar a conversa à mesa do jantar, e um músico de *jazz* que atuava ao longo da costa para custear a sua viagem, tocara para eles. Oh, e estava lá também uma antiga beldade que dissera que a sua profissão era «caçadora de fortunas», mas esses dias

deviam ter começado a desvanecer-se antes de a Grande Guerra ter sequer começado.

Fora idílico. O som das ondas, o contínuo influxo e refluxo do mar contra a costa, o movimento dos seus corpos no calor da tarde, ele dentro dela, a suspirar e a gemer, a inspirar os aromas inebriantes de água salgada e ervas selvagens. A janela estava aberta e os seus corpos cobertos de suor moviam-se com o mar.

E a partir dali, a viagem até esta antiga casa de pedra nesta aldeia de poeira e vinho perto de Toulouse. A primeira parte da viagem deles de volta à costa norte e ao *ferry* de regresso a casa.

Jacques Talbot lecionava História na Universidade de Toulouse. Ele e Wilde tinham-se conhecido quando visitara Cambridge numa digressão de palestras no verão anterior. A sua matéria favorita, a Casa de Guise, combinava perfeitamente com o interesse de Wilde no final da era Tudor, e eles tornaram-se grandes amigos rapidamente.

— Bem — disse Françoise, num inglês titubeante, mas correto. — Eu fico aqui com as crianças, caso contrário teremos de levar dois carros. — Era uma mulher afável e de rara beleza; roliça e bem torneada, com um sorriso que irradiava em quase todas as palavras que pronunciava.

Enquanto se mantinham em redor do *Citroën* azul que Wilde alugara – um belo carro de passeio –, Lydia abanou a cabeça.

— Tom, mesmo que eu passe para o banco de trás e o Jacques para o da frente, vai ser difícil arranjar lugar para o Marfield. Partindo do princípio de que ele está lá, é claro. Eu fico com a Françoise. Vão vocês.

A viagem foi mais fácil do que Wilde temia. A oeste, viram os sopés verde-escuros dos Pirenéus.

— A rota dos combatentes para a liberdade — disse Jacques Talbot com uma ponta de amargura. — Bela liberdade, há?

— Da Guerra Espanhola?

— Na primavera, quando os republicanos foram derrotados, atravessaram a montanha em grande número. O nosso governo estava terrivelmente mal preparado para a chegada deles. Daí os campos de detenção. Para mim, sempre foi óbvio que este seria o resultado. Por que razão não estávamos preparados para ajudar?

Durante a viagem, Talbot disse a Wilde o que sabia sobre o lugar.

— Originalmente, era um quartel do exército, mas nos meses mais

recentes têm estado a levar prisioneiros para lá e para outros campos semelhantes espalhados por toda esta região, até às praias no Sul. Alguns dizem que quase um milhão de homens, mulheres e crianças fugiram dos falangistas e dos seus aliados fascistas. Creio que tiveram de os pôr nalgum lado e de os alimentar. Mas não gosto da solução. Nós somos franceses, não nazis; não é assim que as democracias devem tratar as pessoas.

— Certamente, tinham de arranjar uma solução para eles.

Talbot não aceitava.

— Chamam a estes lugares «centros de agrupamento», mas isso é um eufemismo. São campos de concentração com outro nome – e são uma mácula no nosso país, tal como Dachau o é na Alemanha. *Le Vernet* e os outros campos são o segredinho sujo de França.

Viajaram a um bom ritmo e chegaram aos arredores de *Le Vernet* antes das onze. Wilde parou o carro com o coração apertado. O dia estava muito quente e o lugar não passava de um ramal remoto de uma ferrovia com barracões anexos, tudo cercado por arame farpado, um terreno baldio de poeira e pedras. Jacques tinha razão – aquilo não era um campo de refugiados, mas uma prisão. E o cheiro era avassalador.

Na entrada, dois membros armados da *Garde Mobile* estavam parados diante de uma pequena guarita de pedra. Um pórtico de madeira sobre a estrada ostentava as palavras *Camp du Vernet*. Por detrás dele, uma paisagem infinita de blocos de casernas rudimentares. Aquele lugar poderia albergar dezenas de milhares de homens. Wilde cheirou o ar e fez uma careta. Um fétido miasma indicava doença.

— Isto é horrível — afirmou Talbot.

Uma das sentinelas caminhou casualmente na direção deles. Numa das mãos segurava uma espingarda, com a outra fechava os dedos lenta mas insistentemente, erguendo o queixo com a barba por fazer para o céu e fazendo-lhes sinal para saírem do carro.

— Vamos fazer o que o homem diz, Jacques.

Quando saíram do carro, cerca de vinte homens aproximaram-se do portão vindos da área central do campo, as cabeças rapadas, descobertas sob o sol escaldante. Os seus corpos estavam cobertos por trapos e os pés embrulhados em farrapos, tal como os de Honoré. Nos ombros transportavam pás, da mesma forma que os soldados transportavam as espingardas quando marchavam. Dois oficiais da *Garde Mobile* com ar entediado, de chicotes na mão, acompanhavam-nos: «Esquerda-direita, um-dois, um-dois...»

— Meu Deus. — Wilde olhou para os homens, consternado. Observou o grupo de trabalhadores passar ao longo da estrada à beira da linha-férrea.

Talbot voltou-se para a sentinela.

— Que crime é que estes homens cometeram?

O guarda limpou o suor da testa e encolheu os ombros.

— O crime deles? Perderam a guerra.

Não valia a pena prosseguir com aquela conversa.

— Queremos falar com o seu comandante.

— Acha que ele não tem nada melhor para fazer do que tomar chá com turistas? Quem é o senhor, e por que motivo o comandante falaria consigo?

— Sou alguém que pode tornar a sua vida muito difícil se tentar impedir-me. — Grisalho e com boa aparência, o professor Talbot tinha um ar inconfundível de autoridade.

De repente, o guarda parecia menos confiante.

— Nome?

— Talbot. Professor Jacques Talbot.

— Que organização é que representa?

— É um assunto privado que diz respeito a um dos prisioneiros. Discuti-lo-ei com o comandante do campo, com mais ninguém. Mas pode dizer-lhe que sou muito amigo de Maurice Sarrault.

O guarda encolheu os ombros. O nome não significava nada. Acenou com a cabeça na direção de Wilde.

— E quem é ele?

— O seu nome é Wilde. Professor Thomas Wilde. É um cidadão americano.

— Esperem aqui.

CAPÍTULO 5

Passados cinco minutos estavam no gabinete do comandante do campo. A Wilde, o comandante parecia uma caricatura de um militar francês do século XIX: bigode extravagante, queixo orgulhoso, barriga que evidenciava um grande amor pela comida.

Apresentou-se como major Cornet e, relutantemente, disse-lhes que se sentassem.

Talbot liderou a conversa.

— Acreditamos que há um inglês entre os refugiados da Guerra Espanhola. Ele é aluno na Universidade de Cambridge onde leciona o professor Wilde, que me acompanha. Gostaríamos de o ver e saber se há algo que se possa fazer para o repatriar.

— Um inglês? Aqui não há ingleses.

— Bem, acreditamos que há e pretendemos encontrá-lo.

— *Monsieur*, há nove mil homens no campo, não posso conhecê-los a todos. Como é que se chama o homem?

— Marcus Marfield. Está na caserna 32 — respondeu Wilde num francês titubeante.

— Caserna 32. São na maioria comunistas alemães. Membros das Brigadas Internacionais. O que os leva a pensar que está aqui?

— Disseram-nos.

— Quem?

— Não posso revelar, mas essa não é a questão.

Cornet soltou um som de impaciência.

— Um momento. — Endireitou os ombros e saiu do gabinete, as botas estalando no chão de pedra. Wilde e Talbot conseguiram ouvi-lo a dirigir-se a um subordinado. Um minuto depois regressou. Parecia menos seguro de si. — O meu ajudante disse-me que é possível que esteja um inglês no campo. Ele não fala e não disse o nome, pelo que não sabemos quem é — mas os outros dizem que é inglês.

— Podemos vê-lo, major? — pediu Talbot.

— Estes homens são perigosos, *messieurs*. São todos comunistas e anarquistas. O que quer que o seu aluno tenha sido, agora já não é a mesma pessoa. Garanto-lho.

— Mesmo assim, gostaríamos de o ver.

— Disse à sentinela que conhece o *monsieur* Sarrault, o editor e proprietário de *La Dépêche de Toulouse*?

— De facto.

O major pestanejou, avaliando o assunto. Não se devia aborrecer pessoas como Sarrault; estas tinham grande influência.

Talbot continuou: — Maurice Sarrault é um amigo íntimo. E também tenho a certeza que sabe que é o irmão mais velho de Albert Sarrault, ministro do Interior.

O oficial começou a suar.

— Posso oferecer-vos um copo de vinho, cavalheiros? Vou ordenar que o inglês seja trazido daqui a nada. Mas sabem que não será possível que seja libertado de *Camp du Vernet*? Não sem a devida autorização.

— Primeiro o mais importante, major — retorquiu Talbot. — Deixe-nos ver o sujeito.

— Pode demorar um pouco a localizá-lo. — O major Cornet parecia inquieto. — Disseram-me que sofreu um ferimento e está no sanatório do campo.

Talbot enrijeceu.

— Ferimento? Que tipo de ferimento?

— Levou um tiro, *monsieur*.

Mesmo com a cabeça rapada, vestido com farrapos, a coxear e ferido, com o braço esquerdo pendurado numa ligadura manchada de sangue, era possível reconhecer Marcus Marfield imediatamente.

Magro, louro com os olhos azul-marinho e pele dourada, ele iluminava a sala tal como acontecia em Cambridge. Tinha uma aura que desafiava qualquer descrição, mas que ninguém conseguia ignorar: na capela, nas palestras, no Salão e durante a tutoria, mas acima de tudo quando cantava, com uma voz tão cristalina. Para Wilde, ele sempre tivera pouco da aparência e romanticismo etéreo do jovem T. E. Lawrence. E, no entanto, tal como Lawrence, também tinha uma determinação férrea.

Contudo, naquele momento, estava tão debilitado que o guarda tinha de o manter de pé. Wilde saltou da cadeira e pegou no braço do rapaz que não estava magoado, o qual, tal como o resto do seu corpo, tremia como se ele estivesse com febre. Marfield cambaleou para diante, e quando os seus olhos encontraram os de Wilde, pestanejou ao reconhecê-lo.

Marfield sentou-se e curvou-se, a respiração pesada, a mão esquerda caída na coxa, a tremer. O seu rosto mantivera a luminosidade, mas as suas mãos eram as de um trabalhador agrícola, inchadas, vermelhas e calejadas.

Wilde voltou-se para Talbot.

— Jacques, isto é terrível. Marfield precisa de cuidados médicos. Tem febre.

O major tentou explicar o ferimento de bala.

— Alguém disparou ao acaso pela vedação. Por azar este homem foi atingido – mas podia ter sido qualquer um.

— Quem é que o alvejou? — exigiu saber Wilde.

— Quase de certeza, um habitante local. — O major encolheu os ombros. — Os aldeões estão incomodados com este campo. Não gostam que todos estes combatentes estejam tão perto deles e das suas mulheres.

— Não acredito nele — disse Wilde a Talbot, em inglês.

O professor francês voltou-se para o major e falou rápida e colericamente.

— O responsável por isto é um dos seus guardas.

O comandante levantou os braços.

— Não, não, *monsieur*, isso não é verdade! Não podemos patrulhar cada centímetro da nossa vedação. Nem somos amas. Recebemos uma ninharia do governo para alimentar nove mil combatentes exaustos. É provável que haja... acidentes.

— Quero usar o seu telefone — disse Talbot. — Arranje-me uma linha. Ligue para *La Dépêche*. A telefonista dá-lhe o número.

...

O verdadeiro motivo pelo qual Lydia optara por ficar em casa era que não conseguiria aguentar a viagem. Não se sentia nada bem e só lhe apetecia deitar-se no quarto fresco – mas não queria ser rude com a sua anfitriã, por isso cedeu a estender-se numa espreguiçadeira no pátio. Oferecera-se, sem muita convicção, para ajudar nas tarefas, mas Françoise recusara todas as ofertas de ajuda. Pelo que Lydia lia poesia e dormitava na sombra enquanto a sua anfitriã se ocupava da lida doméstica.

De todas as pessoas que conhecera nestas últimas semanas, Françoise e Jacques eram as suas favoritas. Françoise tinha trinta e poucos anos – um pouco mais velha do que Lydia e cerca de dez anos mais nova do que o marido. Não só geria uma casa movimentada, como também tinha uma carreira – era uma daquelas raridades nos hospitais franceses, uma médica. Enquanto trabalhava, as crianças ficavam com uma ama. Mas, naquela altura, Françoise estava de férias, assim como a ama, que regressara a casa da família em Nantes durante uns dias.

Lydia estava a dormir quando sentiu um toque no ombro. Acordou sobressaltada.

— Queres comer alguma coisa, Lydia? Tenho sardinhas frescas e tomates do mercado. Talvez com um pouco de pão? E pensei que te poderia apetecer uma limonada para refrescar. — Expressava-se na sua língua nativa porque Lydia falava bem francês. Só voltavam ao inglês quando Wilde estava por perto.

— Aceito a bebida, Françoise, mas ainda não tenho muita fome.

Françoise sorriu.

— Há quanto tempo?

Lydia franziu a testa, sem saber como responder.

— Desculpa. Talvez esteja a ser intrometida, mas creio que estás a sofrer do *mal de matinée*. É parecido com a expressão inglesa – enjoos matinais –, não é?

— Como é que percebeste?

Françoise riu-se, envolvendo Lydia no seu peito confortável.

— Sou mãe e obstetra. Como poderia não perceber?

— Por favor, não contes ao Tom. Ainda não lhe disse nada. Só passaram algumas semanas. Talvez dez ou onze.

— Ele terá de saber muito em breve. Principalmente se estás a sofrer de enjoos.

— A primeira mulher dele morreu durante o parto. E o bebé também.

— Ah, compreendo. E estás preocupada porque não sabes como ele vai reagir à notícia. Mas, Lydia, o teu marido é um homem bom. Nada sara

melhor o coração de um homem do que a chegada de uma criança – sobretudo quando é sua.

Lydia sabia tudo isso e, no entanto, havia algo mais, não havia? E a guerra que estava iminente? Por que motivo alguém traria a tal mundo um bebé? Bela treta os capuzes cervicais e os géis *Volpar*.

Havia outra razão para ainda não ter contado ao Tom: ainda não descartara a hipótese de abortar. Em Londres, havia aquele médico que fazia abortos, aquele cujo número estava nas agendas de todas as raparigas de Girton. Ainda estaria a exercer? Era muito fácil descobrir.

— Não te preocupes, *chérie* — tranquilizou-a Françoise. — Não direi nada. Cabe-te a ti dar as boas notícias. — Deu uma palmadinha na mão de Lydia. — Diz-me... — acrescentou rapidamente. — Tens enjoos todos os dias? Para ti, estas longas viagens de carro devem ser um tormento.

— Oh, não tem sido muito mau. Eu sou bastante forte.

— Sim, vejo que sim. Mas, Lydia, podes confiar em mim enquanto estiveres aqui. Agora, como tua anfitriã, vou buscar-te a tal limonada. E, como médica, posso sugerir um pouco menos de vinho à noite?

— Estou a levar um sermão?

— Aconselhamento profissional, nada mais. — Françoise riu-se. — Eu fumei e bebi durante as minhas duas gravidezes, por isso quem sou eu para falar? — Voltou-se para se ir embora, mas Lydia estendeu a mão.

— Posso perguntar-te uma coisa, Françoise? — disse. — Estou interessada em fazer o curso de Medicina, mas tenho quase trinta anos, pelo que serei demasiado velha? Seria possível se tivesse um bebé para criar? Estou particularmente interessada em psiquiatria.

— *Chérie*, se esta guerra acontecer, haverá uma grande procura de médicos de todas as especialidades. — Françoise sorriu. — Não estou a par da situação em Inglaterra, mas se há mulher que é capaz de o fazer, tenho a certeza que és tu.

O telegrama chegou do gabinete do ministro do Interior ao fim da tarde:

*Autorizada a libertação do prisioneiro Marfield, Marcus,
do Camp du Vernet, ao cuidado do professor Talbot da
Universidade de Toulouse, desde que o prisioneiro seja retirado
de França até ao dia 3 de setembro.A.*

Sarrault, ministro.

— Por conseguinte, *messieurs*, ele é vosso — disse o major.

Enquanto decorriam as chamadas, primeiro para Maurice Sarrault em Toulouse e depois para o ministério em Paris, Wilde pediu que trouxessem algum tipo de colchão para Marcus. Quando Cornet percebeu o rumo da situação, pediu um colchão de palha. Após alguma reflexão, gritou para o tenente:

— Certifique-se de que está limpo!

O fedor estava por todo o lado. Wilde não queria imaginar quais seriam as condições no interior das casernas, nem a qualidade da comida. O seu antigo aluno, estendido, a tremer, era prova suficiente.

Wilde ajudou Marfield a levantar-se e, com a ajuda de Talbot, encaminhou-o lentamente para o portão da frente. Ao redor deles, os homens vagueavam sem rumo, os seus trabalhos tinham terminado. Quando se aproximaram da vedação, um homem com cerca de cinquenta anos abordou-os e disse algo em alemão, antes de mudar para um francês macarrónico. Talbot parou e falou com ele, depois voltou-se para Wilde.

— Este é Wilfrid Zucker. Já ouvi falar deste homem, Tom; é compositor. As suas obras foram tocadas em Paris e Salzburgo.

— Porque é que está aqui?

— Porque é um refugiado. Nem todos são membros das Brigadas Internacionais ou combatentes.

O compositor tinha a mão esquerda estendida e, com a direita, fingia escrever na primeira. Talbot rebuscou os bolsos do seu casaco à procura de um pedaço de papel e de um lápis. Com a mão trémula, o homem escreveu dois nomes, o seu e outro – Gerhard Sankte –, com morada em Londres. Talbot pegou no papel.

— Diz que este homem, Sankte, em Londres, comprovará a sua identidade e pede para entrarmos em contacto ele.

— Eu trato disso — assentiu Wilde. Tinha conhecimentos suficientes de alemão para perceber o que Zucker dissera.

Outros homens aglomeravam-se agora em torno deles, agarrando-lhes os casacos. Alguns rasgavam pedaços de maços de tabaco e de cartas de jogar, disputando o lápis para apontarem os seus nomes e os dos seus contactos. Falavam uma miríade de línguas e tresandavam a latrinas a transbordar. Mais do que qualquer outra coisa, tresandavam a negligência e desespero. Aceitou todos os pedaços de papel.

O major Cornet apareceu apressado, enxotando os prisioneiros enquanto escoltava os visitantes e Marcus Marfield até ao portão principal.

Os homens continuavam a olhar como cães espancados, um bando triste e derrotado.

Com alguma dificuldade, Wilde e Talbot ajudaram Marfield a entrar no *Citroën*, e deixaram-no o mais confortável possível no banco traseiro. Cornet ordenou a um guarda que fosse à caserna 32 para ver se havia lá alguns bens pessoais do homem que fora libertado. O próprio Marfield ainda não dissera uma palavra.

Uma mulher passou numa marcha vagarosa. Era pequena, usava uma saia comprida escura, uma camisa branca de algodão esvoaçante, e um lenço de algodão atado ao pescoço. O seu cabelo era comprido e escuro, a pele bronzeada pelo sol do Mediterrâneo. Parou e olhou para eles com os seus olhos negros, depois cuspiu para os pés de Wilde e prosseguiu.

— Meu Deus, Jacques, o que é que foi isto?

Talbot encolheu os ombros.

— Tal como o major sugeriu, acho que os locais não gostam de ter estes campos à porta de casa.

O guarda voltou passados cinco minutos com um pequeno livro esfarapado, com capa de couro vermelho. Wilde pegou nele e folheou-o. Era um exemplar bastante usado do Livro de Oração Comum, um prémio num concurso de poesia escolar atribuído a Marcus Marfield em 1931. Então o comunista revolucionário ainda não abandonara totalmente a religião. Wilde sorriu pela primeira vez naquele dia.

Mais distante, a sotavento de um beiral, a pequena mulher morena estava agachada a observar o desenrolar da cena através de um binóculo. A seu lado encontrava-se uma espingarda.

Ela sentiu uma satisfação sombria. Tinha uma boa ideia para onde é que eles iriam, e ela estaria lá, à espera.

CAPÍTULO 6

A viagem de volta a casa foi mais demorada. Wilde e Talbot não queriam sacudir o homem enfermo mais do que o necessário. Volta e meia, Talbot virava-se para ver como ele estava.

— Podemos levá-lo diretamente para o hospital — sugeriu Wilde. — O que é que achas, Jacques? Quão urgente é?

— Deixa que a Françoise o observe primeiro. Se formos direitos para o hospital, vamos ficar enredados em burocracia. São locais burocráticos, tipicamente franceses, e nunca chegarás a casa no domingo.

Na *villa*, ajudaram Marfield a subir para um pequeno quarto no sótão com uma cama de solteiro e uma cruz na parede. Wilde e Talbot despiram-no com cuidado e vestiram-lhe um pijama de Talbot, antes de o ajudarem a deitar-se.

Françoise mediu-lhe a temperatura, observou-lhe a boca, verificou a regularidade dos seus batimentos cardíacos e da respiração, depois removeu a ligadura do braço esquerdo dele e examinou o ferimento, antes de o limpar e colocar um penso limpo.

— Bem — disse ela quando finalmente desceu. — Não há dúvida de que foi espancado, mas não consegui encontrar nenhum osso partido. Tem cortes, hematomas, picadas de pulgas e percevejos além de feridas nos pés e uma infeção fúngica nas partes íntimas por falta de higiene.

— E o ferimento de bala?

— A bala atravessou a carne – o músculo. O osso não foi afetado. É claro que vai demorar algum tempo a sarar, mas neste momento não há sinais de infecção. O médico do campo pelo menos limpou-o como deve ser, o que é uma bênção. Vou fazer-lhe um novo apoio para o braço.

— Nada que coloque em risco a vida dele? — perguntou Wilde.

— Ele precisa de alimento e descanso, é só isso.

— Danos permanentes no braço?

Ela encolheu os ombros.

— Não sou especialista, mas creio que não.

— Sacanas — disse Talbot.

— Ele estava a tremer como se tivesse febre — contou Wilde.

— Não é febre, é uma espécie de tique ou de espasmo – acho que pode ser neurastenia, talvez sejam efeitos da guerra. Manifesta-se de muitas formas. Alguns homens ficam paralisados, alguns não conseguem falar, outros tremem incontrolavelmente ou ficam imóveis por causa da apatia. É algo que tem de ser observado quando chegarem a casa.

— Quando é que podemos levá-lo?

— Se não houver outros problemas subjacentes, e se ele comer, deve estar suficientemente forte daqui a dois dias.

— Não temos dois dias.

Françoise encolheu os ombros.

— É contigo, Tom. Só tens de manter a ferida limpa e enfaixada, e depois de regressarem a Inglaterra, levá-lo a um especialista assim que puderes. Dois especialistas, talvez – um para o ferimento de bala, outro para a alma dele.

Ela tinha feito um caldo fino e deu-o a comer a Marfield como se este fosse uma criança pequena. Ele não resistiu, comendo lentamente. Mas antes de a tigela estar vazia, abanou a cabeça a indicar que já não queria mais. Foi a primeira interação que qualquer um deles recebeu da sua parte. Françoise disse-lhe que de manhã o limparia adequadamente, mas sugeriu que naquele momento ele devia dormir. Obedientemente, Marfield fechou os olhos como uma criança, e ela deixou-o.

À noite, depois de as crianças dos Talbot terem ido para a cama, os quatro amigos jantavam no pátio, tendo como som de fundo as conversas das cigarras, e discutiam como deveriam proceder.

— Para garantir que chegamos a casa antes de domingo, temos mesmo de partir amanhã — disse Wilde.

— Vamos fazer o seguinte — disse Françoise. — Vou dar-te o nome de um velho amigo meu da faculdade de Medicina que exerce perto de Orleães. Fica no vosso caminho e se precisarem de ajuda, tenho a certeza que ele vos atende. De manhã, telefono-lhe para estar de sobreaviso.

Pela primeira vez, nos quatro dias que ali tinham passado, a conversa voltou-se para a possibilidade de haver uma guerra. Todos concordavam que o conflito era certo, mas discordavam relativamente à sua iminência.

— Na primavera de 1941 — afirmou Françoise.

— Não, antes disso — contrapôs Talbot. — No outono do próximo ano – talvez em setembro. Não antes, certamente, e não muito depois.

Wilde e Lydia entreolharam-se. Ambos acreditavam que a guerra chegaria dali a dias ou semanas.

— Acreditamos que já está a ser planeada há meses — disse Wilde. — Até fiz uma aposta insignificante com um velho amigo que estaremos em guerra antes de novembro.

Lydia lançou-lhe um olhar desaprovador.

— Com o Horace, querida, devidamente registada no livro de apostas da Sala Comum. O vencedor recebe uma garrafa do melhor clarete. — O que estava em dúvida era se Horace Dill, um colega, viveria para ver o resultado. Um cancro nos pulmões estava a matá-lo. Wilde regressou ao presente. — Daqui a uns dias, Hitler vai atacar a Polónia. O pacto com os soviéticos garante-o. A próxima paragem será Varsóvia.

Talbot estava a servir mais vinho.

— Parece que tens informações privilegiadas.

— Oh, nada que não esteja nos jornais. É só somar dois mais dois.

— Jornais! Pasquins – leste o *Le Matin* ou o *Le Journal*? Pasquins antisemitas – parece que algumas pessoas em França desejam que o Hitler nos invada. — Talbot suspirou. — Oh, espero que estejas enganado, Tom. Mas se estiveres certo, então tudo vai depender da tua gente.

— Da *minha* gente?

— Dos americanos. Os britânicos e os franceses sozinhos não têm força para fazer frente à máquina de guerra nazi.

— Ora, Jacques. Vocês têm a Linha Maginot. Têm o maior exército do mundo. O que é que aqueles *Blackshirts*¹ habituados às marchas militares podem fazer contra tais defesas?

¹ Membros de forças paramilitares fascistas italianas, à ordem de Mussolini, que usavam camisas pretas como parte do uniforme. (N. de T.)

— Espera e verás. — O francês encolheu os ombros. — Mas, como é óbvio, a cavalaria americana virá em nosso auxílio outra vez.

— Não contes com isso — retorquiu Wilde. — Não acontecerá se diplomatas como Joe Kennedy e os outros isolacionistas levarem a deles avante. Na primavera, estive na América e o *lobby* não-intervencionista é muito, muito forte.

De repente, Talbot ficou agitado.

— Mas a não-intervenção — esse é o velho inimigo, meu caro! Se os britânicos, ou os franceses ou os americanos tivessem feito o que deviam e apoiado o governo republicano em Espanha, os rebeldes de Franco poderiam ter sido derrotados e o Hitler teria sofrido um golpe. Isso tê-lo-ia feito parar para pensar antes de atacar a Checoslováquia e ameaçar a Polónia. Teria sido benéfico para o mundo se tivéssemos mostrado que os nazis podiam ser parados. Agora vai haver uma guerra e vamos sofrer muito mais.

— Bem — disse Françaíse. — Dou graças a Deus por os meus filhos serem muito novos para combater. — O seu olhar cruzou-se com o de Lydia, e esta olhou para a sua barriga. Ninguém queria pensar nos explosivos que seriam lançados do céu, indiscriminadamente, sobre militares e civis nesta guerra que se avizinhava. Os bebés estariam na linha da frente com as suas mães.

Ouviu-se um barulho no interior da casa. Os comensais voltaram-se, à espera de verem uma das crianças a pedir um copo de água, mas era Marfield. O pijama que usava era demasiado grande e enfatizava a sua magreza. O seu braço esquerdo repousava numa ligadura limpa e estava descalço. Cambaleou na direção da mesa e parou ao lado de Wilde.

— Marfield? Não achas que devias estar deitado?

Marfield sorriu debilmente. Uma sombra do sorriso que encantara e conquistara os corações dos professores e dos alunos.

— Sabe, professor, não devia ter-se incomodado. Eu não mereço. — A voz estava rouca e ele falava hesitantemente.

Wilde levantou-se.

— Deste o teu melhor, lutaste por uma causa em que acreditavas. Não há vergonha nenhuma nisso.

Marfield ficou ali a balouçar. Ainda tremia, mas menos.

— Em breve, estarás em casa — tranquilizou-o Lydia.

— Estarei? — Ele pestanejou. — Onde fica isso?

— Em Inglaterra. Cambridge — disse Wilde com firmeza.

— É claro, eu lembro-me de Inglaterra. — Tentou um sorriso, mas foi

forçado e ficaram sem perceber se ele estaria a brincar. — Críquete e orações vespertinas.

— E a tua família. E toda a gente na faculdade. Temos saudades de te ouvir cantar.

— Quem é que ganhou no críquete?

Os outros em redor da mesa olharam para Marfield boquiabertos, depois entreolharam-se – e começaram a rir-se.

O sorriso de Marfield alargou-se, mas os seus olhos pareciam um pouco confusos enquanto olhava para eles.

— Disse alguma coisa engraçada?

— Soaste como um inglês típico a perguntar sobre os resultados do críquete num país estrangeiro. Enfim, que críquete?

— O campeonato das Índias Ocidentais. Já deve ter terminado.

— Ah — respondeu Wilde. — Creio que deveria saber. Não, espera, lembro-me *realmente* de ouvir alguma coisa. O último jogo acabou empatado, por isso a Inglaterra ganhou o campeonato. Parece-te correto? O Hutton marcou cem pontos.

— Então tudo está bem no mundo – pelo que abandonarei as armas e irei consigo.